

**PALESTRA DE ABERTURA**  
**II Mostra Científica do Curso de Serviço Social Uninter**

**A FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL NO CONTEXTO DA**  
**PANDEMIA DA COVID-19**

Aurea Bastos Davet<sup>1</sup>

Quais os desafios da formação profissional em tempos de pandemia?<sup>2</sup>

Primeiramente quero aqui deixar meu respeito às pessoas que perderam pessoas queridas para o novo Corona Vírus. Àqueles que ainda lutam com seus efeitos e cuidam dos infectados, aos trabalhadores que incansavelmente estão à frente de todas as situações que desta pandemia resultaram: não somente na área da saúde, mas também na educação, na assistência social. Seus reflexos estão em todos os lugares. Estes campos foram os mais afetados, fragilizados, prejudicados.<sup>3</sup>

A pandemia não escolheu território, mas como em tudo no mundo do capital, escolheu classes sociais, o poder econômico, o mercado; abateu cruelmente e sem piedade pessoas, mas não perdeu o foco no movimento do mercado.

Como entender isso sem envolver emoções, sentimentos, expectativas?

Esse é um grande desafio!

Com isso, entendo que para falar sobre a formação em Serviço Social, antes trarei alguns guias, algumas direções para o nosso debate, tendo como referência a seguinte questão: *O que é formar um profissional? Como se organizam os processos formativos? Qual é o caminho a seguir para formar um profissional?*

Isso, inclusive e tendo como agravo, tempos de pandemia.

## **INTRODUZINDO O TEMA**

Penso que são duas questões a tratar neste momento: Formação profissional e pandemia — evidentemente no contexto do Serviço Social, da profissão do assistente social.

---

<sup>1</sup> Assistente social, professora, doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. E-mail: [abdavet@gmail.com](mailto:abdavet@gmail.com).

<sup>2</sup> Esta formatação é apenas neste texto, cuja finalidade foi referenciar debates sobre a formação profissional na “II Mostra de Científica do Curso de Serviço Social Uninter: A formação em Serviço Social no contexto da Pandemia da COVID -19”, organizada pelo Curso de Serviço Social da UNINTER em 19/11/2020. As referências encontram-se identificadas nas notas de rodapé.

<sup>3</sup> Total de casos em 19/11/2020 segundo o Ministério da Saúde: 5.749.007; recuperados 5.064.344; Mortes 163.406. Disponível no site <https://covid.saude.gov.br/>.

Para iniciar nossas reflexões proponho pensarmos quatro linhas, quatro caminhos, definindo um roteiro conceitual e de reflexões.

### **1 - O que é pandemia? O que isso significa social e economicamente?**

Por que isso gerou tantas situações de inseguranças e provocou tantas mudanças na vida individual e coletiva?

E o que isso significou para o assistente social: no trabalho direto com as políticas sociais diferenciadas e na academia?

### **2 - Formação profissional: a representação social de uma categoria profissional**

Aqui faço um parêntese, porque penso que para falar em formação profissional é preciso refletir sobre algumas questões no que estamos vivendo hoje, em termos de pandemia. Mas não somente restritas a esse momento. Caminha um pouco além disso, pois este é um momento histórico vivido no aqui e agora. Que está impactando hoje no trabalho e na formação do assistente social, mas que, para além de sua existência, há um mundo que caminha independente dela. Que continua a mover-se e que sofrerá seus reflexos.

Penso que o mundo balançou (e muito) com a pandemia. Mas não parou. E essa é uma questão que não pode ser relegada, ignorada. Tivemos muitos agravos com a pandemia, que se interpuseram sobre situações que já estavam ruins, e que ficaram ainda pior. Mas também, apareceram outras situações que significaram novas oportunidades e novos conhecimentos.

Quando falamos em formação profissional não podemos deixar de considerar os ganhos e perdas no processo de qualificação; ou seja, conhecimentos produzidos e agregados durante situações diferentes, neste caso, de conflitos; e aqueles negados e equivocados, que desorientaram a ética e a técnica. Observar estas questões, não na perspectiva da polaridade ideológica, em irredutibilidades fundamentalistas, mas de pluralidade, de diversidade, de inovações, de tempos contemporâneos, isto é, o movimento histórico-dialético.

Aliás, fazendo um novo parêntese: vocês já perceberem como nas práticas discursivas, na mídia, as pessoas estão falando muito sobre “política e técnica”? Por exemplo: *“temos que ver os dois lados: o político e o técnico. O que impactará na saúde e também na economia. Não podemos considerar somente a questão técnica, mas também o lado político...”*

O que isso significa? O que quer dizer “ser político” ou “ser técnico”? Há essa dicotomia de conceitos? E o que isso significa em tempos de crise? Onde impera um

sofrimento coletivo? Há um lado político e um técnico? O que são as competências políticas e o que são as técnicas? Que conceitos temos de referências?

Tais questões são muito presentes no cotidiano de trabalho do assistente social e podem facilmente fragilizar os processos de trabalho, se não tivermos muita convicção e segurança em nossa formação, em nossos fundamentos e em nossos princípios éticos.

### **3 - Educação – que conceito de educação se referencia para esta formação?**

Eu penso que não se pode falar em formação profissional sem falar em educação; sem conhecer, ter uma convicção, adotar um conceito de educação.

Não se trata de uma opção ideológica, mas filosófica, sociológica, política, respondendo à pergunta: *que pessoa eu estou formando e para que mundo, para que sociedade?*

O que é educar? Quais as referências e fundamentos que direcionam esse processo formativo? Estou educando para quê? Onde vou chegar com isso? O que vou fazer com este conhecimento? Como o ensino, a pesquisa e a extensão transitam no processo de formação? Qual a identidade destes três pilares no processo de formação profissional?

E, caminhando para a conclusão dos trabalhos deste momento, uma última questão:

### **4 - Considerações finais: qual é o papel da escola diante deste cenário, deste “novo normal”?**

Quais são seus desafios?

Então, vamos retornar ao primeiro item proposto.

## **TEMA 1 - A PANDEMIA COVID 19 – NOVO CORONA VÍRUS**

Em relação à pandemia, vamos analisar alguns dados coletados nos sites IBFAN, Ministério da Saúde, referentes ao mês de setembro/2020:

- ✓ 2 milhões de pessoas com sintomas buscaram estabelecimentos de saúde entre 20/09 e 26/09/2020; destes,
- ✓ 25,6% procuraram atendimento em hospital público, privado ou ligado às forças armadas;
- ✓ 6,3 milhões de pessoas com sintomas não buscaram estabelecimentos de saúde entre 20/09 e 26/09/2020; destes,
- ✓ 71,6% decidiram ficar em casa como providência;

- ✓ 21,9 milhões de pessoas fizeram teste para saber se estavam infectadas pelo Corona vírus; destes,
- ✓ 4,8 milhões testaram positivo;
- ✓ 46,7 milhões de pessoas têm diagnóstico médico de alguma comorbidade; destes,
- ✓ 1,4 milhões testaram positivo.<sup>4</sup>

A pandemia: o que é? O que representou e ainda representa em nosso cotidiano?

É certo que a pandemia do Corona vírus – COVID-19 impactou a vida do planeta. No entanto, algumas pessoas desacreditam e desqualificam sua existência. “*É só uma gripezinha!*”

O mundo se mostrou vulnerável, política, econômica, social e culturalmente em meio a essa crise; com isso, tornou-se muito avassaladora.

O problema saiu da esfera biomédica, epidemiológica e a situação se alastrou. A saúde e a economia tornaram-se focos centrais em um conflito demarcado por escolhas: a vida e a morte. Questões simples como, por exemplo, a higiene — o óbvio! — denunciaram um complexo de incompetências, de fragilidades, de ausências.

Não se assustem! Não é este um discurso higienista.

Tão simples e tão marcante na vida de uma sociedade. Não pelo lavar as mãos, simplesmente, mas pela demonstração e comprovação do não acesso à água, da precariedade nas condições de habitação e pela visibilidade da exclusão habitacional. Expôs, mais uma vez, a condição de vidas humanas da forma mais sórdida que uma sociedade pode viver: na barbárie. Vidas completamente ignoradas, despercebidas. As expressões da questão social potencializadas na tragédia da morte, da perda, da doença, da pobreza.

Apenas para evidenciar algumas destas situações:

### **A saúde:**

A saúde mental: o confinamento e a paralização econômica impuseram novas forma de viver: pessoas trabalhando sozinhas, vivendo com elas mesmas, em seu ambiente doméstico, em sua casa. Aí pergunta-se: que casa? As pessoas passam a perceber-se e a perceber seu *habitat*, sua casa, seu ambiente doméstico, sua intimidade, o espaço privado. Momento de estranhamento social, como tratam Freud, Simmel, Bordieu. Não necessariamente ruim, mas estranho<sup>5</sup>, diferente; primeiro desconfortável, depois novas

---

<sup>4</sup> PNAD/COVID, <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/sul>. Acesso em: 19 nov. 2020.

<sup>5</sup> Para compreender um pouco mais sobre estranhamento social sugiro ler a dissertação de André Peralta Grillo, *O estranho: ensaio sociológico sobre o estranhamento social* (2009). Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2756>. Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

concepções e significados foram agregados. Constroem-se novas relações consigo e com o outro! Ou desconstroem-se. Vamos incluir aqui, nestas reflexões, as relações construídas com novas tecnologias de comunicação. Plataformas, ferramentas, etc.

As pessoas passam a viver juntas diariamente, em todas as horas do dia: pais e filhos, marido e mulher, irmãos, famílias, que há muito não têm mais o domínio da convivência familiar, a experiência de conviver no mesmo ambiente e ao mesmo tempo, e por muito tempo. Hábitos, diferentes, idades diferentes, expectativas diferentes, explicita moralidades, normas domésticas de gerações diferentes, agressividades; ou ao contrário, a afetividade, o acolhimento, a solidariedade entre vizinhos, com idosos sozinhos. A intimidade e a privacidade passam a ser conceito concretos, que antes eram abstratos, quase platônicos. Distantes. Uma teoria. A vida se potencializa. Ganha força, para o bem ou para o mal!

Por outro lado, apesar de juntas, isoladas, vem o isolamento social. Tão próximos e tão distantes de todos. Com o isolamento social, emergem as perturbações internalizadas, como a ansiedade, as fobias, a hipocondria, o TC, a depressão, a ideação suicida e a agressividade.

### **Índice de suicídios:**

Segundo a Universidade de Michigan, neste período houve um aumento de 32% de suicídios no EUA.

No Brasil, a UFRJ, em suas pesquisas, aponta um aumento de 90,3% de casos de depressão.

Desde abril, o CVV (Centro de Valorização da Vida) adotou uma solução tecnológica que permitiu a transferência de cerca de 60% dos atendimentos para a modalidade remota.

A violência doméstica, de acordo com a pesquisa *Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19*, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública nas redes sociais, as brigas de casais aumentaram 431% entre fevereiro e abril. O estudo foi divulgado no dia 20 de abril<sup>6</sup>. Femicídio: aumento de 46,2%.

### **Sobre o trabalho:**

- ✓ Pessoas ocupadas trabalhando - 80,3%;
- ✓ Pessoas ocupadas e afastadas devido ao distanciamento social - 2,8%;
- ✓ Pessoas ocupadas afastadas por outros motivos - 2,5%;

---

<sup>6</sup> Dados coletados no site do IBDFAM. Disponível em: <https://www.ibdfam.org.br/noticias/7234/Crescem+os+n%C3%BAmeros+de+viol%C3%A2ncia+dom%C3%A9stica+no+Brasil+durante+o+per%C3%ADodo+de+quarentena> e no CVV <https://www.cvv.org.br/blog/servicos-de-apoio-se-adaptam-durante-pandemia/>.

- ✓ Pessoas desocupadas -14,4%;
- ✓ 2,7 milhões de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social;
- ✓ 7,9 milhões de pessoas em trabalho remoto;
- ✓ 15,3 milhões de pessoas não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade;
- ✓ 7,0% das pessoas de cor branca;
- ✓ 11,3% das pessoas de cor preta ou parda;
- ✓ 19,7 milhões de pessoas ocupadas tiveram rendimento efetivamente recebido do trabalho, menor que o normalmente recebido;
- ✓ R\$ 2.168 rendimento médio real efetivamente recebido de todos os trabalhos das pessoas ocupadas;
- ✓ R\$ 2.378 rendimento médio real normalmente recebido de todos os trabalhos das pessoas ocupadas;
- ✓ 1,1 milhões de pessoas ocupadas e afastadas deixaram de receber remuneração;
- ✓ O nível de instrução com a maior proporção de pessoas em trabalho remoto foi: Superior completo ou Pós-graduação. 24% com rendimento reduzido;
- ✓ 0,3% das pessoas sem instrução ao Fundamental Incompleto;
- ✓ 1,0% das pessoas com Ensino Fundamental completo ao Médio incompleto;
- ✓ 5,0% das pessoas com Médio completo ao Superior incompleto;
- ✓ 30,2% das pessoas com Superior completo ou Pós-graduação;
- ✓ 94,2 milhões de pessoas, sendo que 40,7% delas estão na informalidade.

### **Sobre Assistência Social:**

Os dados preliminares da pesquisa demonstraram que 43,6% dos domicílios recebem auxílio emergencial; a média do rendimento é de R\$ 894,00.

Dados preliminares apresentados pelo IBGE (2020) indicam que 7,8% da população brasileira vive em favelas, em condições precárias – pequenos espaços eventualmente com pouca ou nenhuma ventilação, sem saneamento básico e/ou água encanada e/ou tratada são, usualmente, compartilhados por agrupamentos familiares numerosos. Cerca de 35 milhões de brasileiros não têm acesso à água encanada e tratada, e que aproximadamente 100 milhões de pessoas não têm acesso à coleta de esgoto tratado. A confluência destes fatores eleva os riscos e torna as parcelas mais pobres da população ainda mais suscetíveis à contaminação por coronavírus.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Dados coletados em: TORRES, L.; LIMA, J.; BRENDA, R. Pandemia e desigualdade social: Centro de Referência da Assistência Social e o enfrentamento à Covid-19 em Arapiraca/Alagoas. **P2P & INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 7, ed. espec. p. 161-183, set. 2020/fev. 2021. Disponível em <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/5430/5079>.  
Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

Necessidade de especial proteção a grupos em situação de vulnerabilidade ou em risco, “como as pessoas em situação de rua, com sofrimento ou transtorno mental, com deficiência, vivendo com HIV/Aids, LGBTI+, população indígena, negra e ribeirinha e trabalhadores do mercado informal, como catadores de lixo, artesãos, camelôs e prostitutas”.<sup>8</sup>

A covid-19 também ampliou a fome nas comunidades vulneráveis de grandes regiões metropolitanas brasileiras. É o que revela a primeira onda de pesquisas do *Painel de monitoramento com lideranças comunitárias sobre os impactos do avanço da pandemia da Covid-19*, realizado pela Rede de Pesquisa Solidária.<sup>9</sup> Em 68% das comunidades, a fome já é um dos principais problemas vividos.

Segundo estudo descrito em uma nota técnica coordenada por Graziela Castello, Priscila Vieira e Monise Picanço, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), com a participação de Gabriela Palhares, do Observatório da Inovação da USP, Jaciane Milanezi, do Cebrap, e Jonatas Mendonça dos Santos, Laura Simões e Rodrigo Brandão, da USP:



Outra questão que merece atenção e destaque, principalmente para nós que trabalhamos junto às expressões da questão social, é que muitas vezes, na ânsia de resolução

<sup>8</sup> Para ler mais sobre esta questão acessar LEANDRO MITIDIERI <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/pandemia-e-desigualdade-social-a-defesa-dos-vulneraveis-no-sistema-de-justica-05102020>.

<sup>9</sup> Disponível em *Pandemia e suas consequências estimulam violência e desesperança em comunidades carentes* – Jornal da USP.

ou minimização de situações desta natureza — quando envolve fome, precariedade — é a adesão do assistente social a movimentos de solidariedade que resultam em ações imediatas e instintivas, na tendência humana de “resolução” ou minimização de um problema. Sem perceber as artimanhas e descompromisso com a real situação de descaso e desproteção de políticas efetivas, continuadas, permanentes de enfrentamento radical da questão social.

A onda de solidariedade: empresas, terceiro setor, rede comunitária, redes sociais, vizinhos etc.

O número de doações chegou a R\$ 6 bilhões até 20 de julho, segundo dado do Monitor das Doações da Associação Brasileira dos Captadores de Recursos (ABCR).

Apesar do marco histórico, a média mensal de doações vem diminuindo e afeta a sobrevivência de pessoas em situação de vulnerabilidade. Em junho, a arrecadação ficou 88% abaixo do que foi registrado em maio de 2020.<sup>10</sup>

Essas ações criam a ilusão de bem fazer para a sociedade. Trazer de volta um passado não muito distante e nem tampouco esquecido que é a ajuda material efêmera, emergencial, descomprometida e descontinuada. Que faz feliz a quem recebe e alegra mais ainda ao Estado, que se desresponsabiliza de políticas públicas efetivas, continuadas, de proteção social permanente. Fácil de envolver o assistente social neste enredo por se tratar de uma profissão com a nossa história e natureza.

Segundo o Observatório do Terceiro Setor (agrega mais de 781,9 mil entidades no Brasil), “ [...] *As pessoas não doam porque nós não pedimos. E, quando pedimos, nós não sabemos pedir*”. Quem afirma isso é Custódio Pereira, presidente do Fórum Nacional das Instituições Filantrópicas (FONIF)<sup>11</sup>, que acrescenta que essa é uma questão que ultrapassa as culturas, ou seja, organizações como um todo têm dificuldades em comunicar sobre as doações e campanhas que realizam.

Segundo Pereira, no Observatório do Terceiro Setor, a pouca divulgação sobre o trabalho das instituições filantrópicas faz com que a sociedade não conheça a fundo a importância do setor, o que também dificulta que as doações sejam realizadas em maior número.

---

<sup>10</sup> Veja mais em <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/29/doacoes-cairam-ao-longo-da-pandemia-mas-demanda-continua-veja-como-ajudar.htm?cmpid=copiaecola>  
<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/29/doacoes-cairam-ao-longo-da-pandemia-mas-demanda-continua-veja-como-ajudar.htm>

<sup>11</sup> Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/a-pandemia-pode-ajudar-o-brasil-a-criar-uma-cultura-de-doacao/> e Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”



Uma pesquisa realizada pelo FONIF, divulgada no ano passado, demonstra que o Brasil possui hoje 11.868 entidades filantrópicas em atuação nas áreas de Educação, Saúde e Assistência Social. O estudo teve como base dados dos ministérios e da Receita Federal.<sup>12</sup>



É um (des)governo que não se pode nem ao menos dizer que está ausente, tendo em vista as barbáries de sua exposição e discurso, que só prejudicam a imagem do Brasil. O Estado brasileiro desregulamenta o trabalho, se desresponsabiliza sobre diretrizes políticas essenciais, além de deixar estados e municípios à própria sorte para conter e gerenciar essa crise sem precedentes. Pessoas desqualificadas, em meio a campanhas eleitorais; não podemos esquecer que acabamos de sair de um processo eleitoral.

Ainda tratando sobre pandemia...

### **Na Educação:**

As instituições de ensino superior estão diante de desafios enormes há muito tempo. O quadro da pandemia só fez acentuar os desmandos crescentes sobre a política de educação que vem calçando as estruturas e propostas pedagógicas.

<sup>12</sup> Pandemia e suas consequências estimulam violência e desesperança em comunidades carentes. [https://jornal.usp.br/ciencias/pandemia-e-suas-consequencias-estimulam-violencia-e-desesperanca-em-comunidades-carentes/Radar Favela COVID – 19. Fiocruz. https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/radar-03\\_final\\_19.10.2020.pdf](https://jornal.usp.br/ciencias/pandemia-e-suas-consequencias-estimulam-violencia-e-desesperanca-em-comunidades-carentes/Radar Favela COVID – 19. Fiocruz. https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/radar-03_final_19.10.2020.pdf)  
Ensaio: Desigualdades raciais e a morte como horizonte - considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/desigualdades\\_raciais\\_e\\_a\\_morte\\_como\\_horizonte\\_-\\_consideracoes\\_sobre\\_a\\_covid-19\\_e\\_o\\_racismo\\_estrutural\\_.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/desigualdades_raciais_e_a_morte_como_horizonte_-_consideracoes_sobre_a_covid-19_e_o_racismo_estrutural_.pdf)  
Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

Historicamente, a educação sempre se mostrou elitizada, seletiva, mantendo a classe trabalhadora e as minorias sem acesso a ela. As universidades públicas reinaram sozinhas até meados dos anos 70.

A entrada vertiginosa de instituições de ensino privadas e do ensino a distância no cenário da educação superior abarcou um número expressivo de pessoas que desejavam entrar na faculdade, obter o nível superior, mas não conseguiam pelas dificuldades que enfrentavam. Isso gerou um movimento de defesa das instituições públicas, laicas e gratuitas, como temos até hoje. E sempre. O que é extremamente importante. No entanto, estas instituições federais, estaduais, municipais, não avançaram na ampliação de vagas que pudessem incluir, trazer para dentro da universidade quem desejava.

A educação não pode ser vista como concorrente, por isso é uma luta constante. É uma questão nodal saber que educação se pretende.

A pandemia, hoje, evidencia outras situações para as quais as instituições de ensino tiveram que fazer suas opções: resistir ou ajustar-se às demandas postas pelo isolamento social.

Ajustar-se exige, tanto do docente quanto do discente, novas competências e habilidades. Enfrentar situações vividas no cotidiano da academia, apresentando limites e possibilidades jamais vivenciados efetivamente no contexto da educação superior. Mesmos para os mais qualificados e experientes no mundo das tecnologias.

Exige não somente o domínio de novas tecnologias de comunicação, mas também de habilidades didático-pedagógicas, de fundamentos teóricos e metodológicos, fazendo valer a competência que lhes deveria ser pertinente em quaisquer situações de conflito.

Vide o número de *lives* e atividades curriculares formativas e avaliativas que se tem hoje. O estágio, a pesquisa, a extensão. Elas demandaram dos professores e alunos um olhar profundo das marcas deixadas pela situação de vulnerabilidade que assolou a todos.

Como executar e realizar tais atividades sem perder a qualidade, respeitando os limites e os alunos que precisam ter sua formação continuada, sob o risco de atrasar a sua entrada no mercado de trabalho, seguir com seus projetos de vida... e respeitando os professores que precisam compreender e ajustar-se a todo esse processo?

Com isso, gera-se:

- ✓ Excesso de trabalho;
- ✓ Vida profissional misturada à vida privada;
- ✓ Excesso de trabalho (professor que não está na escola não está trabalhando);

- ✓ Stress por lidar com as novas tecnologias. Aprender sistemas sozinhos (não há suporte técnico individual. Se está na instituição tudo é mais fácil. Mesmo que difícil!);
- ✓ Ansiedade pelo novo processo de aprendizagem coletivo;
- ✓ Lidar com a resistência, a estrutura, com as lutas do aluno para dar continuidade aos estudos. O professor pensa em tudo isso! Ele não dorme!

É muito fácil fechar uma escola. Difícil é cumprir eticamente com o compromisso de continuar a educar em tempos de pandemia.

Vamos fazer uma pesquisa posteriormente para ver o que aprendemos com este ano. Quais foram as lições!

Registram-se algumas reflexões sobre mudanças nas profissões pós-pandemia:<sup>13</sup> Tecnologia, finanças e saúde estão entre as áreas de destaque; a busca deve ser maior por profissionais seniores e com habilidades socioemocionais (capacidade de liderança e proatividade, criatividade, persuasão, resiliência, colaborativo, de comunicação mais fácil e com mais tolerância aos momentos de pressão.

Consideram-se habilidades socioemocionais aquelas que jamais serão substituídas pelas máquinas, não importa quão avançada seja a tecnologia. Elas podem aparecer em duas esferas: *a interpessoal, que é a interação com os outros, e a intrapessoal, a maneira de relacionar-se consigo mesmo.* Assim, a harmonia entre esses âmbitos faz o ser humano mais flexível, proativo e institui convivências mais saudáveis, pessoal ou profissionalmente.

Profissão	Área
Profissional de cibersegurança	Tecnologia
Profissional customer experience	Tecnologia
Especialista em nuvem (ou <i>cloud</i> )	Tecnologia
CFO (ou diretor financeiro)	Finanças
Diretor Comercial	Finanças
Gerente de tesouraria	Finanças
Planejador financeiro	Finanças
<b>Assessor de investimentos</b>	Finanças
Profissional de Recursos Humanos	RH
Enfermeiros e técnicos de enfermagem	Saúde

## TEMA 2 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Muito bem, dito isso, vamos passar ao tema 2 – Formação profissional.

<sup>13</sup> Para ler mais sobre esta questão sugiro acessar <https://www.infomoney.com.br/carreira/as-10-profissoes-que-devem-estar-em-alta-pos-pandemia-e-as-habilidades-para-conseguir-las/>  
Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

Já não começamos perguntando “o que você entende sobre o trabalho do assistente social? Qual a imagem, qual o entendimento sobre serviço Social”? Isso já é sabido por pesquisas realizadas ao longo do nosso tempo. Inclusive aqui na UNINTER.

**O que, sim, perguntamos é:** o que você vai fazer com o conhecimento adquirido e produzido durante a formação para ser assistente social? Para o exercício da profissão do Serviço Social?

### **Formação profissional em Serviço Social no Brasil**

Como seguir um roteiro educacional que responda ao perfil desejado para que este profissional que estamos formando exerça seu trabalho assegurando os fundamentos éticos, filosóficos e operacionais da profissão?

Por isso se FORMA um aluno na perspectiva e dentro de um padrão segundo o qual se pretende que o profissional desempenhe suas atribuições específicas. Para isso precisamos ter em conta a estrutura do projeto político pedagógico que referencia e define as diretrizes, os fundamentos, os conceitos que nortearão o profissional que se pretende formar.

Qual o perfil traçado para o egresso do Serviço Social?

Segundo as diretrizes Curriculares para o Serviço Social, descrito pela ABEPSS em normativas de 1999<sup>14</sup>

Profissional que atua nas expressões da questão social, formulando e implementando propostas para seu enfrentamento, por meio de políticas sociais públicas, empresariais, de organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Profissional dotado de formação intelectual e cultural generalista crítica, competente em sua área de desempenho, com capacidade de inserção criativa e propositiva, no conjunto das relações sociais e no mercado de trabalho. Profissional comprometido com os valores e princípios norteadores do Código de Ética do Assistente Social.

O caso da UNINTER/Serviço Social está descrito na página 73 do Plano Político Pedagógico (PPC), disponível na plataforma da UNINTER / AVA/UNIVIRTUS:

Sólida formação que possibilite atuar nas expressões da questão social, formulando e implementando propostas de intervenção para seu enfrentamento, com capacidade de promover o exercício pleno da cidadania e a inserção criativa e propositiva dos usuários do Serviço Social no conjunto das relações sociais e no mercado de trabalho.

[...] Formar pesquisadores (seja na área acadêmica ou não acadêmica) com atitude investigativa e inovadora como elemento norteador de sua prática cotidiana, com consciência crítico-reflexiva e sustentável sobre os diversos campos do conhecimento ético-político, técnico-operativo.

---

<sup>14</sup> Para estudar mais sobre as Diretrizes Curriculares para a formação profissional em Serviço Social acessar <http://www.abepss.org.br/diretrizes-curriculares-da-abepss-10>  
Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

Formação profissional requer conhecer, articuladamente, fundamentos teóricos, práticos, éticos, políticos, estruturados em metodologias que favoreçam a compreensão da sociedade e do mundo do trabalho. Isto, dimensionando as demandas reais da sociedade em movimento, coletivamente, onde a vida acontece.

A formação profissional, para Iamamoto (2013)<sup>15</sup>

[...] trata de preparar cientificamente quadros profissionais capazes de responder às exigências de um projeto profissional coletivamente construído e historicamente situados [...] a formação profissional deve ser um projeto de curso articulado dialeticamente às demandas reais, àqueles potenciais que vão contribuir para alterar o panorama profissional vigente (2013, p. 191-192).

O assistente social trabalha “em torno de classes fundamentais dominantes ou subalternas, no reforço da hegemonia vigente ou criando uma contra hegemonia, portanto, interferindo no processo de (re)produção sociopolítica ou ideo-política dos sujeitos” (IAMAMOTO, 2015, p. 69-71). Com isso, enfatiza-se a necessidade de conhecer interesses e espaço onde se desenvolve a formação, devolvendo à sociedade, por este mesmo processo, um novo conhecimento, pensado.

E aqui entramos na discussão sobre os caminhos por onde se encaminham os processos formativos: *A educação*.

A que educação estamos nos referindo? Qual o conceito que adotamos para construir nossos currículos escolares? Então, vamos ao terceiro tema proposto para nossas discussões.

### **TEMA 3 - CONCEITO DE EDUCAÇÃO**

A sociedade moderna, com todo seu aparato tecnológico, assim como o mercado de trabalho, “requerem cada vez mais trabalhadores e consumidores mais formados e qualificados, quer para produzirem mercadorias e serviços, quer para utilizá-los” (CHARLOT, 2007, p. 131)<sup>16</sup>. Para atender esta demanda, as políticas econômicas dos últimos anos têm colocado a educação a serviço do desenvolvimento econômico. Desta forma, à escola impõe-se a mesma lógica da economia, ou seja, a lógica da qualidade, da eficácia e da diversificação, e passa a ser questionada sobre sua qualidade. Qualidade de seu próprio produto que é a educação, seu plano político pedagógico, seu currículo.

---

<sup>15</sup> Ler mais sobre esta questão no texto de Marilda Iamamoto A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ssoc/n120/02.pdf>

<sup>16</sup> CHARLOT, Bernard. Educação e Globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. **Sísifo - Revista de Ciências da Educação**, n. 4, out/dez. 2007.

É uma realidade a expansão e a mercantilização da educação superior. Até o momento, mas com este ritmo e intenção, o problema não tardará em chegar ao ensino fundamental.

Isto é posto. É fato. Está aí.

Assim como diz a citação acima, o mundo está precisando de trabalhadores assim como consumidores. Então como consumidores da Educação Superior vamos aprender a ser exigentes com a qualidade do serviço. Começando pelo conhecimento da proposta de educação que a IES está oferecendo.

Não vou entrar aqui na discussão enfática do processo de mercantilização no qual entramos. Mas sim, ascender, subir a outro patamar que é o do que está se oferecendo.

E isso, independe da condição da pandemia que estamos vivendo?

A pandemia a meu ver, provocou essa aproximação mais contundente sobre como as IES estão articulando seus currículos, seus PPCs para dar conta dos processos de formação mesmo em situação de conflito, de emergência, de precariedade.

O prof. Antônio Joaquim Severino, em seu livro *Educação, sujeito e história* (p. 145,) nos diz que a formação profissional só pode ser planejada e executada com base em uma clara concepção do que se espera da educação. E que em uma sociedade organizada, a prática institucionalizada da educação deve contribuir para a integração dos sujeitos, das pessoas, no tríplice universo do trabalho, da sociabilidade, da cultura. Nesta esfera se desdobra a existência humana... a humanização...

Então, como qualificar os educandos para o trabalho, para a sociabilidade, para a cultura simbólica sem degradá-los, submetê-los à pressão social alienante?

### **EDUCAÇÃO: concepção**

Adotamos como concepção de educação aquela que se comprometa com a veia humanista, plural, interdisciplinar, ética, laica, científica, crítica, marxista.

Por quê?

Porque é pelo capital que se forja a sociabilidade. E é pelas relações sociais que se constituem, produzem e reproduzem as formas de submissão e resistência. A educação, assim como pode alienar, pode ser um espaço de organização das classes sociais. Como nos coloca Marx em sua obra *Textos para o ensino e a educação*.

Saviani, em *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*.<sup>17</sup> nos diz que

---

<sup>17</sup> Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000100012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000100012&script=sci_abstract&tlng=pt)  
Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

O homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é ao mesmo tempo a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (SAVIANI, 2007, p. 154).

E o Serviço Social tem ferramentas para isso. Tem um projeto de sociedade impresso no projeto ético político para o assistente social.

Independente da natureza de uma escola, de sua modalidade de ensino, o que importa é o que oferece para o desenvolvimento da consciência crítica, política, técnico-operativa. Ter ciência e domínio de suas atribuições e fundamentos (do ser social, da sociedade, da profissão). Os três núcleos estruturantes da formação profissional do assistente social são: 1- Núcleo de fundamentos teórico-metodológicos da vida social; 2- Núcleo de fundamentos da particularidade da formação socio-histórica da sociedade brasileira. 3- Núcleo de fundamentos do trabalho profissional.<sup>18</sup>

A educação à distância difundiu-se em diferentes territórios sociais. Constituiu, ao longo de sua existência, identidade social, pública e metodologia adaptada a interesse de qualificação profissional, desenvolvimento intelectual ou realização pessoal. Novas tecnologias na educação superior ampliam territórios, reduzem distâncias, armazenam pluralidade de modos de viver e ver o mundo. Porém, é necessário explorar essa diversidade em suas propostas pedagógicas. Corrobora-se com Alves, Warnavin, Garbossa e Silva (2018) na questão onde

Observa-se que essa modalidade de ensino vem criando possibilidades para que diversos indivíduos possam ter acesso ao Ensino Superior e que, concomitantemente, tais inovações podem estar melhorando as perspectivas de desenvolvimento econômico e social nas localidades inseridas nessa dinâmica espacial contemporânea (2018, p. 88).<sup>19</sup>

Em que pese a crítica contundente sobre a mercantilização e fragilidade que esta modalidade de ensino representa na qualificação profissional e crítica, a formação é uma proposta real, presente e incorporada socialmente como alternativa para alcançar o status de graduação superior. Nesta perspectiva, comunga-se com Iamamoto quando trata das premissas analíticas na formação profissional dizendo que a formação profissional não pode ser reduzida a qualificação tendo em vista o mercado de trabalho, mas sim que “trata de

---

<sup>18</sup> Estudar mais sobre essa questão em DIRETRIZES GERAIS PARA O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL disponível em [http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento\\_201603311138166377210.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf)

<sup>19</sup> Alves; Warnavin; Garbossa; Silva. Bases teóricas do território e a territorialização das instituições de ensino superior: estudo de caso de cursos de Geografia EAD no Estado do Paraná. In: **Educação a distância e sociedade: gestão, perfis, sujeitos e território**. São Paulo: Ed. Fontenele, 2018. Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 6-25, 2021 | Edição Especial “II Mostra Científica do Curso de Bacharelado em Serviço Social”

preparar cientificamente quadros profissionais capazes de responder às exigências de um projeto profissional coletivamente construído e historicamente situado” (2018, p. 191).

A educação a distância hoje constitui-se em um recurso importante e presente, mesmo que virtual; cria oportunidade de acesso à educação superior assim como produz novos conhecimentos e desenvolvimento local. Transpassa a linha convencionada para o ensino presencial trazendo para o cenário novas tecnologias de comunicação; inova com metodologias ativas e no espaço onde o aluno está, sem necessidade de deslocamentos para uma sala física para que este aluno estude e se desenvolva em seus interesses de profissionalização e como cidadão.

Por isso olhar e explorar essa proposta na dimensão da totalidade do ambiente onde os sujeitos do processo de formação profissional (alunos e orientadores educacionais) se encontram, pode representar novas possibilidades de aprofundar conhecimentos, valorizar saberes e consolidar a proposta de uma sociedade mais justa socialmente, democrática e cidadã. Arroyo traz essa discussão quando trata da valorização dos saberes no exercício da docência e na construção de conhecimento na educação. Evidencia a importância de se desvelar “[...] a riqueza de experiências acumuladas e vividas com tantas tensões na produção de conhecimentos profissionais, sociais e políticos, dignos de serem ensinados e aprendidos pelos próprios sujeitos coletivos de sua produção [...]” (ARROYO, 2013, p. 83).

A formação profissional assim compreendida, independentemente da modalidade de ensino, deverá ocorrer na linha da compreensão, como tratam Abreu e Lopes:

[...] as atividades práticas que os profissionais [*assistentes sociais*] são chamados a exercer no mercado de trabalho determinam, em última instância, a identidade profissional dos assistentes sociais [...] e que essa determinação é complexa, não é mecânica. Primeiro, porque há uma relação orgânica entre as diferentes dimensões que constituem as profissões, destacadamente, entre a dimensão interventiva e a dimensão da formação profissional; e a estas se vinculam as dimensões da produção do conhecimento e a da organização política profissional. Assim como, o próprio mercado de trabalho está sujeito a múltiplas determinações históricas, e nele, os profissionais podem interferir, como trabalhadores, sobretudo, se organizando politicamente [...] (ABREU; LOPES, 2018, p.02).<sup>20</sup>

Sobre a entrada da tecnologia na educação, diz o New Scientist de abril de 2018 citado em Dowbor em seu texto sobre a Nova Arquitetura Social<sup>21</sup>: “A tecnologia tem um potencial tão grande é que a expectativa geral de seu impacto é tão profundo como foi a revolução industrial na história do mundo”.

<sup>20</sup> ABREU, Marina Maciel. Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2010 (3ª edição).

<sup>21</sup> Disponível em <https://dowbor.org/2018/11/dowbor-alem-do-capitalismo-novos-rumos-em-construcao-novembro-2018-86p.html/>



De acordo com a base do E-MEC (2019)<sup>22</sup>, de um total de 3064 instituições de ensino (IES) ativas registradas no E-MEC que oferecem cursos distintos de graduação (independentemente de ser Serviço Social), encontram-se 282 Unidades de Formação Acadêmicas (UFAs) públicas (9,3%) - e 2782 privadas (90,7%). Desse total, 667 oferecem o curso de Graduação em Serviço Social representando 21,73% do total de UFAs registradas, ativas, no E-MEC. Destas, 65 são públicas (9,76%); e 602 (90,24%) são de natureza privada. Observando-se por modalidade de ensino, tem-se um total de 65 UFAs públicas, ou seja, 100%, que oferecem o curso na modalidade presencial e nenhuma (0%) na modalidade a distância.

Em relação às UFAs de natureza privada, temos que, das 602 instituições, 518 (86,13%) oferecem o curso na modalidade presencial e 84 (13,87%) oferecem a graduação de Serviço Social a distância. 40 (quarenta) UFAs, representando 6,65%, oferecem o curso em ambas as modalidades.

Segundo o Portal da Educação, mantido pelo grupo A Educação S/A, em 2018, as instituições de ensino superior (IES) disponibilizaram 7,1 milhões de vagas para a EAD; aos cursos presenciais, 6,3 milhões.

Em 2017, quando a portaria do Ministério da Educação (MEC) foi publicada, o Brasil tinha 4,7 milhões de vagas para EAD. Assim, o crescimento em 2018 foi de 52% em relação ao ano anterior.

Considerando os últimos cinco anos, o total de vagas na modalidade a distância registrou um aumento expressivo de 135%. Já as graduações presenciais expandiram 26% – passando de 5 milhões, em 2014, para 6,3 milhões.<sup>23</sup>

- ✓ O país tem 8,4 milhões de alunos matriculados em cursos de graduação. Os dados são do Censo da Educação Superior 2018, divulgados na manhã desta quinta-feira (19) pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Além de oferecer mais vagas do que o ensino presencial, a EAD alcançou o índice histórico de 2 milhões de alunos. Significa um crescimento de 17% em relação a 2017 – já o ensino presencial registrou queda de 2%;
- ✓ O número de alunos na modalidade EAD equivale a 24,3% do total de matrículas do ensino superior – ou uma a cada 4;
- ✓ A oferta de cursos a distância também cresceu. Em 2018, foram 3.177 opções. Isso significa uma expansão de 50,7% em comparação com o ano anterior;

---

<sup>22</sup> <https://emec.mec.gov.br/>

<sup>23</sup> <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/vagas-ead-censo-educacao-superior/>

- ✓ Ocorre que a evasão também é maior na EAD quando comparada ao ensino superior presencial – 62,2% e 55,6%, respectivamente;
- ✓ Das 2.537 instituições de ensino no Brasil, apenas 14% oferecem EAD. Destas, 6% são responsáveis por 80% das matrículas do ensino a distância;
- ✓ A imensa maioria dos cursos EAD pertence à rede privada – onde as graduações EAD mais procuradas são Pedagogia, Administração, Contabilidade, Gestão de Pessoas e Serviço Social.

É a era da conectividade, da difusão de conhecimentos que, uma vez lançados à rede; estão disponíveis. Como diz Dowbor permite-se receber, armazenar, tratar, articular, distribuir, compartilhar volumes praticamente ilimitados de conhecimentos, desencadeando um processo cumulativo de expansão. No movimento do conhecimento, são transformações aceleradas e profundas, de acesso universal. Podemos perder equipamento, mas não o conhecimento produzido e acumulado.

E mesmo que nos esqueçamos... vamos às plataformas e recuperamos o aprendido. A economia do intangível. É preciso romper com os paradigmas da tecnologia na formação em serviço social, pois hoje as modalidades estão no mesmo modelo e o ensino/formação é um só.

O apoio e o uso das tecnologias na formação e no trabalho profissional.

O saber é infundável, multiplicado e difundido. “O conhecimento é um fator de produção cujo uso não reduz o estoque. É um fator de produção imaterial ao que Dowbor se refere.

O EAD tem metodologia própria, que não tem nada a ver com improvisos realizados por algumas unidades de ensino, o que levou muitos a concordarem que EaD não é boa e não tem qualidade;

Valorização do EaD – com qualidade, metodologias próprias, profissionais com qualificação para atuar nesta modalidade. A unificação entre as duas modalidades ressalta o tripé da formação: ensino, pesquisa e extensão;

É preciso romper com o tradicional. Sem perder a qualidade! Há um custo, sem dúvida para isso tudo. É a era também do consumo. Das redes virtuais, de software. É preciso saber lidar com o volume de informações produzidas, mas acessar as já acumuladas.

PORTANTO,

Em relação às Unidades de Formação Profissional (UFAS), públicas ou privadas, se presenciais ou a distância... importa transcender a polaridades e construir juntos o projeto ético-político da profissão, dentro dos fundamentos e dos princípios éticos

## **O lugar do Ensino – Pesquisa – Extensão no processo de formação**

Como está organizada a pesquisa e a extensão em sua UFA? Temos aí os desafios da Resolução nº 07/2018 do MEC<sup>24</sup>: 10% da carga horária para extensão universitária. São espaços de politização e operacionalização dos fundamentos da profissão. Não somente espaços de validação de estágio (pode ser) nem de atividades complementares.

Para fechar nossas reflexões:

### **TEMA 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUAL É O PAPEL DA ESCOLA DIANTE DESTE CENÁRIO, DESTE “NOVO NORMAL”**

Função da escola:

Vamos observar a descrição abaixo, contida nos Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio <sup>25</sup>:

Pedagogia do Aprender a Aprender: a função da escola é desenvolver competências cognitivas e culturais, que capacitem o indivíduo para a vida em sociedade, para a atividade produtiva e as experiências subjetivas. É estruturada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. Ela visa a formação do sujeito reflexivo e participativo, que seja capaz de integrar-se nas relações sociais, políticas e econômicas (BRASIL, 1999).

### **Cenários futuros para a formação e para a profissão de serviço social**

Neste sentido, Yazbek (2020) nos diz o seguinte sobre esta questão, sobre a qual não precisamos escrever, mas sim pensar e discutir com os professores, entre profissionais:

São tempos de regressão que banaliza a vida, e nos coloca frente a um arcaísmo tacanho, irracionalista, genocida e abrutalhado. Tempos de necropolítica, de Estado penal e racista, de colapso social e institucional. Tempos de eliminação da classe que vive do trabalho. Tempos em que crescem vertiginosamente as desproteções. Estamos em uma sociedade onde a proteção social vem sendo esvaziada de seu valor de direito humano e civilizatório (YAZBEK, 2020, p.12).<sup>26</sup>

Assim, é cada vez mais difícil, nesse cenário, colocar no horizonte uma perspectiva de esperança, e até mesmo de um futuro, nos tempos sombrios e desumanos que vivemos na atualidade, quer em termos globais, quer em nosso país. E não apenas pela condição gerada

<sup>24</sup> Disponível em [https://www.in.gov.br/materia/-asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](https://www.in.gov.br/materia/-asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808)

<sup>25</sup> <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>

<sup>26</sup> YAZBEK, M.C. Prefácio. In: PEREIRA, Sofia Laurentino Barbosa; CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias (Org.). **Serviço social em tempos de pandemia: provocações ao debate**. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em [https://unifsa.com.br/site/wp-content/uploads/2020/09/Servi%C3%A7o-Social-em-tempos-de-pandemia\\_-provoca%C3%A7%C3%B5es-ao-debate-1.pdf](https://unifsa.com.br/site/wp-content/uploads/2020/09/Servi%C3%A7o-Social-em-tempos-de-pandemia_-provoca%C3%A7%C3%B5es-ao-debate-1.pdf)

pela pandemia. O professor Ricardo Antunes, já afirmava há alguns anos o avanço de “uma nova era de devastação, uma espécie de fase ainda mais destrutiva da barbárie neoliberal e financista que almeja a completa corrosão dos direitos do trabalho em escala global” (ANTUNES, 2018, p. 10).

### **O grande desafio**

Cumprir com os fundamentos do código de ética do assistente social e com suas atribuições e ser combativo e esperançoso ao mesmo tempo.

Não ser ingênuos frente aos apelos midiáticos, que menosprezam ou potencializam informações a respeito de situações de crise e calamidades. Ser cautelosos, sem ser submissos. Lembrem-se que além da situação real vivida também, e sobretudo, há interesses do estado e do mercado. O estado não quer se responsabilizar. E o mercado não quer perder.

E neste meio está o trabalhador, o estudante. Estão pessoas.

E um projeto de governo de completa desproteção, desregulação, desumanização. Um projeto ultraneoliberal que desqualifica o científico, reitera subalternidade e americanização do país, privilegia a meritocracia, desarticula, por meio da coerção, o protagonismo dos movimentos sociais e defesa de direitos. O que, evidentemente, não se iniciou por ocasião da pandemia. Mas, se acentuou e valorizou o desejo de destruição e destituição das forças de resistência. Barbarizou a seriedade de uma nação. Do povo brasileiro.

Resistir e seguir em frente porque conhecimento não pode ser controlado, mas qualificado.

OBRIGADA!  
Aurea Bastos Davet  
abdavet@gmail.com